

[cumprimentos]

A violência doméstica é, indubitavelmente, em pleno século XXI, um dos maiores flagelos da humanidade, **gerando mais mortes, no universo feminino, que o cancro ou os acidente de viação.**

A crise que atravessamos repercute-se não só no plano financeiro mas também a nível social e familiar. São nos momentos de maior pressão socioprofissional que aparecem os sinais mais alarmantes de desagregação das normas vigentes na sociedade e da violação dos direitos humanos. Esta fragmentação leva-nos às mais variadas formas de violência e abusos e são os grupos socialmente mais vulneráveis, como os idosos e as crianças, as principais vítimas desta espiral de maus tratos.

Em Portugal, a violência doméstica ceifou, no último ano, quase quatro dezenas de vidas, numa silenciosa e crescente espiral de maus tratos, que peca pela escassez de dados, pois neste valor não estão incluídas as crianças e os idosos, que todos os anos sucumbem às agressões infligidas por um agressor sem escrúpulos, colocando o nosso país no topo mundial da lista negra da violência no seio familiar, nos seus lares, precisamente no local onde as pessoas deveriam sentir-se em plena segurança.

Falar de violência doméstica é para muitos, falar no feminino, generalizando-se, erroneamente, a ideia de que são apenas as mulheres os alvos dos agressores, excluindo-se, frequentemente, outros grupos vulneráveis, como os idosos e as crianças.

Todavia, também nestas faixas sectoriais, os dados estatísticos nacionais são alarmantes. É preciso dizê-lo com clareza: **Portugal é uma das nações com maiores índices de violência contra idosos e crianças**, sendo o quinto com pior registo num universo de 53 nações no que respeita à violência contra os mais velhos. Efetivamente, são cerca de 40 por cento os idosos alvo de atos violentos. Também na infância os maus tratos

constituem também um grave flagelo nacional. A **UNICEF colocou o nosso País no topo da lista da violência infantil**, com uma média de quatro mortes por violência física e negligência em cada 100 mil crianças.

Mas a **violência física** é apenas a face visível, de uma intensa teia que se adensa em maus **tratos psicológicos**, que desencadeiam um evidente desequilíbrio mental da vítima, o seu isolamento, o minar da sua autoconfiança e na perda total da qualidade de vida, culminando num número crescente de tentativas de suicídio, que, não raras vezes, fruto de um desespero agonizante, acabam por se efetivar.

De facto, os danos psicológicos infligidos são, na sua maioria irreversíveis, afetando não só as vítimas diretas, como quem sofre repercussões de forma indireta, nomeadamente, no contexto familiar, os filhos que, de alguma forma, se encontram expostos ao problema, sofrendo as graves consequências que se estendem de forma indelével, a quem parece que só assiste.

As crianças, estas são as vítimas no presente e a longo prazo da violência doméstica. **A criança projeta-se no futuro** e aquilo que vê na sua infância, o que sente e o que sofre, física e psicologicamente, marca-a **avassaladoramente** e para todo o sempre.

Na verdade, esta exposição à violência doméstica cria condições para que o fenómeno se replique geração após geração, pois as crianças e jovens, enquanto vítimas diretas ou indiretas dos maus tratos interparentais, **aprendem padrões de conduta que, mais tarde, poderão vir a replicar**.

A personalidade que se desenvolve em meios marcados pela violência pode — e muitas vezes fica — marcada por uma realidade não desejada mas da qual não é possível fugir.

Felizmente, a consciência coletiva tem vindo crescentemente a sedimentar a ideia da tolerância zero perante este fenómeno, evidenciando uma gradual preocupação face ao mesmo, e **pondo em causa tradições e mitos umbilicalmente ligados à cultura vigente**, na qual, há pouco mais de quatro décadas era legítimo e aceitável o exercício da violência, pelos chefes de famílias sobre os seus filhos. Efetivamente, a legitimidade destes

atos é um dos fatores que explicam o porquê de apenas no limiar do século XXI a sociedade lusa se tenha debruçado sobre o tema dos maus tratos na infância, até então, tido como prática comum em muitos lares portugueses.

Também recente, mas não menos alarmante, é o fenómeno da violência na terceira idade, diretamente relacionado com a desvalorização da condição e do estatuto da pessoa idosa, perante uma sociedade onde o culto da juvenilidade e a mítica busca pela fonte da juventude jamais se sucederam de forma tão tenaz.

Efetivamente, é difícil envelhecer numa sociedade que recusa liminarmente “o espelho da vida”.

O reconhecimento de que os idosos eram vítimas de maus tratos na família e em contexto institucional foi tardio. Apesar da visibilidade crescente deste problema social, a literatura sobre a violência doméstica anterior a 1990 praticamente era omissa em relação à violência que afeta os idosos.

Atualmente, já são vários os estudos feitos e que nos alertam não apenas para a violência na sua vertente física e psicológica, mas também para as **agressões do foro financeiro na Idade Maior**, tão frequentes quanto a violência psicológica e não menos nocivas.

“Muitos dos que convivem com a violência dia após dia assumem que ela é parte intrínseca da condição humana, mas isso não é verdade”, referiu **Nelson Mandela**. Tais palavras ganham particular significado quando se fala da violência na terceira idade, numa fase da vida em que, pelo cansaço e patologias incapacitantes, a vítima facilmente se submete, quase compactuando com a agressão, num perverso ciclo de violência, com claras similitudes ao Síndrome de Estocolmo.

Na nossa ilha, a mais envelhecida dos Açores, é premente que este tema seja alvo de uma abordagem especializada e multidisciplinar.

Efetivamente, constitui suprema pretensão da autarquia da Madalena, prestar um apoio inequívoco aos que precisam e aos profissionais que trabalham incansavelmente, para que a violência doméstica possa vir a ser um fenómeno esporádico e residual.

Neste sentido, importa falar de alguns dos muitos projetos apoiados pelo Município e por intermédio da **Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da Madalena**, que ao longo dos últimos anos tem vindo a envidar os seus melhores esforços na promoção dos direitos das crianças, com múltiplas atividades de sensibilização, e com a sua rápida e eficiente atuação perante situações que ponham em causa a segurança e integridade física dos mais jovens.

A par da ação proficiente desta instituição, têm também sido promovidas por esta autarquia diversas atividades didático-pedagógicas, em prol do fomento da juventude, o sustentáculo de um concelho de olhos postos no futuro, assegurando aos jovens um presente com qualidade e dignidade e inculcando-lhes responsabilidade partilhada na construção de um futuro melhor. Exemplo desta realidade é o programa **MadalenAventura**, que tem feito as delícias de dezenas de jovens, num profícuo contributo para a sua formação e desenvolvimento integral, bem como a presença do programa EPIS, na Escola Cardeal Costa Nunes, a única dos Açores a beneficiar, por intermédio desta autarquia, de um programa de combate ao insucesso e abandono escolar, com provas dadas.

O fomento de políticas públicas sociais de apoio à terceira idade é também um dos pilares desta autarquia, promotora de dezenas de projetos, em prol do envelhecimento ativo e do fortalecimento das dinâmicas de grupo na Idade Maior.

O MadalenAbraça, as sessões mensais de psicoterapia, o apoio constante aos Centros de Convívio de Idosos do Concelho e à Universidade Sénior, as viagens anuais realizadas com estes grupos, a recente criação de um grupo de teatro para os seniores do concelho e as futuras aulas de informáticas, que irão iniciar já segunda-feira, bem como o levantamento

estatístico integral da população idosa do concelho realizado pelos técnicos municipais, com o fito de melhor conhecer, para melhor ajudar esta população, são apenas algumas das muitas atividades que espelham a constante preocupação e valorização da terceira idade, na Madalena.

Potenciar o papel do idoso na comunidade, minimizando o seu isolamento e dependência a terceiros, é também um forte contributo na prevenção da violência contra este grupo vulnerável. Maximizar o património imaterial que significa o contributo das pessoas mais velhas na sociedade é reabilitar a velhice junto dos que a menos valorizam, reconquistando os ideais setecentistas, da Idade das Luzes, perdidos para a sociedade industrial, que passou a encarar a velhice como uma doença social.

Minhas senhoras e meus senhores,

Urge reabilitar a velhice junto da nossa comunidade, promover os direitos dos seniores do nosso concelho e também dos mais jovens, que serão os homens de amanhã.

É fulcral prevenir a violência doméstica e inverter esta crescente espiral de maus tratos. Este é o compromisso da Câmara Municipal da Madalena, pugnar para que tal flagelo se torne um fenómeno esporádico e residual, rapidamente detetado e de imediato eliminado.

Bem hajam!

Muito obrigado.